

# A QUESTÃO AGRÁRIA E O CAPITAL MONOPOLISTA

*The agrarian issue and monopolist capital*

DOI:10.48075/igepec.v26i1.27579

Fernando Cardoso Pedrão

## A QUESTÃO AGRÁRIA E O CAPITAL MONOPOLISTA

### *The agrarian issue and the monopolist capital*

Fernando Cardoso Pedrão

DOI: 1048075/igepec.v26i1.27579

**Resumo:** Este ensaio discute a questão agrária com seus impactos regionais e as relações capitalistas, na fase do capital monopolista. A questão agrária é uma pista para expor as contradições do capital monopolista e dos processos de mercado. A atual expansão do capital na forma de grandes extensões de produção monocultora absenteísta implica em uma reforma agrária negativa, que expõe o confronto entre agronegócios e políticas sociais com devastação ambiental.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento regional. Desenvolvimento rural. Desenvolvimento capitalista. Agronegócio.

**Abstract:** *This paper discusses the agrarian issue with its regional impacts and capitalist relations, in the monopolistic capital phase The agrarian issue is a clue to the contradictions of monopolistic capital and on -going market process. The present day expansion of capital as big expanses of digitalized and absentees production amounts to a negative agrarian reform that exposes agrobusiness as the opposite of social issue and responsible for environment plundering.*

**Keywords:** *Regional development. Rural development. Capitalist development. Agribusiness.*

**Resumen:** *Este texto discute la cuestión agraria con sus impactos regionales y relaciones capitalistas, en la fase de capital monopólico. La cuestión agraria es una pista para exponer las contradicciones del capital monopolista e de los procesos de mercado. La actual expansión del capital en la forma de grandes extensiones de producción monocultora absentista digitalizada implica en una reforma agraria negativa, que expone el confronto entre agronegocios y políticas sociales con devastación ambiental.*

**Palabras claves:** *Desarrollo regional. Desarrollo rural. Desarrollo capitalista. Agronegocio.*

## INTRODUÇÃO

A dinâmica contraditória do sistema de poder econômico revela necessidades da análise econômica que devem se expostas. No atual momento de inversão do movimento geral de expansão do capitalismo, quando a reprodução do capital, sob crescente incerteza, enfrenta a tendência geral à estagnação, contornada apenas pela demanda bélica, e sob a pressão de endividamento da nação hegemônica e de suas periféricas, torna-se imperativo rever os fundamentos estruturais da economia mundial. Ressaltam duas referências que são: a relação entre infraestrutura produtiva e superestrutura institucional; e a relação entre produção de mercadorias materiais e produção imaterial que acontecem em um contexto do nível de ocupação dependente de produção parasitária. Ambas essas relações são partes do movimento concreto do capitalismo e suscitam uma crítica histórica da teoria econômica que não se sustenta como análise estática abstrata nem restrita às referências empíricas da Europa ocidental nem dos Estados Unidos, que impedem a explicação de processos sociais concretos no mundo em geral.

Tal perspectiva crítica, que envolve os desdobramentos do campo marxista e os das teorias do desenvolvimento, descarta pressupostos de aceitação generalizada, tais como de uso de ferramentas microeconômicas em análise macroeconômica abstrata, de superação da análise a-histórica e no fundo, de desqualificação da visão privada da economia. De fato, o grande capital opera sob os controles de sistemas imperialistas que são estatais em interação com o capital monopolista em conjuntos que trabalham com a lógica do capital financeiro.

## 2 –A DITADURA DO CAPITAL MONOPOLISTA

São observações que apontam a um bloqueio do sistema liderado pelo capital monopolista implicando em impugnação da hegemonia estadunidense. O sistema do capital entra em bloqueio quando a diferença entre a lógica do capital financeiro se revela contraditória com a do capital produtivo. O dado mais evidente desse processo é a mercantilização das empresas que denota processos de mercado superando a noção de formas de mercado. Evidencia-se a crise sistêmica antecipada por Alfred Marshall em seu último trabalho, *Industry and Trade*, e corroborada por George Shackle na crítica da visão estática da macroeconomia keynesiana. Com a separação entre capital monopolista e capital concorrencial, substitui-se a diferença entre agricultura e indústria pela diferença entre produção rural e produção urbana, onde a contradição da produção rural se revela essencial na sustentação da produção urbana. É onde está a questão agrária.

O grande capital expelle os trabalhadores do campo, mas não elimina a tensão agrária. Sob o capitalismo monopolista o processo agrário é a síntese dos momentos anteriores do capitalismo que configuraram a atual estrutura produtiva, pelo que é o negativo dos agronegócios; e demanda uma visão genética do mundo rural. Há um processo agrário mundial gerado pela trajetória do capitalismo que assume variadas feições em diversos países; e se reproduz em contraponto com a produção agrícola e em consonância com o agravamento da exploração do trabalho, com matizes suavizados nos países ricos e aprofundamento da exploração nos países das periferias capitalistas. Distinguem-se novos modelos agrários socialmente progressistas como no Vietnã, que é a economia que mais cresce no mundo, e modos agrários de agravamento da exploração como no Brasil. Há uma revalorização da produção

camponesa em países centro-americanos, como em El Salvador e na Bolívia e retrocessos no Chile, no Peru, no Brasil.

A questão agrária moderna surge da relação entre densidade demográfica e oportunidades de ocupação no meio rural, controladas pela movimentação do capital, onde coexistem tendências de esvaziamento e de saturação regional. É um xadrez regional que evolui em dissonância da questão agrícola, que vem da relação entre capital e trabalho sobre bases de recursos físicos<sup>1</sup>. A tensão agrária tende a se agudizar com a consciência de classe dos povoadores rurais que se insurgem contra dominação externa. É uma luta que vem de longe e assumiu novas formas na formação das classes sociais. Na Europa os primeiros movimentos agrários contra o feudalismo foram as revoltas camponesas na Alemanha no século XVI e dos cátaros na França. Na América Latina pós colonial houve inúmeros movimentos de base agrária, começando com Condorcanqui na Bolívia, seguindo com os movimentos do Sudeste do México na Revolução Mexicana, liderados por Emiliano Zapata e Genovevo de la Ó e a Guerra de Canudos na Bahia, liderada por Antônio Vicente Maciel. O mapa agrário latino-americano envolve uma variedade de experiências com traços de semelhança em relações com mercado e originalidade cultural.

Desde a década de 1960 a expansão de operações de empresas vendedoras de equipamentos e insumos, principalmente estadunidenses, pôs em marcha um movimento de modernização tecnológica ligado a uma política de construção de represas que tornou a irrigação uma vantagem capitalista que isola a produção tradicional. Instalou-se uma divisão entre produção irrigada privilegiada e produção não irrigada camponesa, a qual se tornou a base da produção de alimentos.

Na perspectiva do capital o trabalho é necessário e o trabalhador é um estorvo. Assim, na produção conduzida por interesses de capital há uma tendência a uma tensão agrária que tende a gerar excedentes demográficos regionais, desaguando em migrações internas, de que há exemplos em diversos países latino-americanos, como no México e no Brasil. Nos países mais pobres como no Haiti e Honduras e no Brasil, onde a desigualdade é maior, a penúria é o traço dominante.

Há em marcha uma questão agrária do sistema do capitalismo em seu conjunto, com diferentes desdobramentos nas economias avançadas e nas economias atrasadas ou nas economias definidas como periféricas (AMIN; VERGOPOULOS,1977). A atual crise da economia da Europa ocidental tem um fundamento agrário que já se estendeu dos países do sul aos do norte da Europa, agravada pelas migrações, e tem, por exemplo, um desdobramento na Alemanha que expõe a contradição nacional do capitalismo e um desdobramento na França, onde recrudescer na forma de um problema político<sup>2</sup>. Nas Américas, o desastre da classe média estadunidense, que levou ao atual conflito político, vai em paralelo ao de desgaste da pequena produção no Canadá e bloqueio das economias da Argentina, do Brasil, do Peru, além do desastre da Venezuela. São diferentes aspectos da exclusão das pessoas do processo produtivo. No conjunto, a crise progressiva estadunidense e canadense tem maior difusão de efeitos indiretos, com o agravamento de formas de exploração interna.

---

<sup>1</sup> Estudos inter-regionais realizados no México e no Peru nas décadas de 1970 e 1980 apontaram a tendências de concentração metropolitana consequentes de saturação de regiões tecnologicamente inertes. O vale do México chegou a concentrar um quarto da população nacional e Lima cerca de 60% da população do Peru.

<sup>2</sup> A crise agrária europeia foi essencial na formação da força de trabalho estadunidense, vem do início do capitalismo e determinou as migrações de trabalhadores alemães, italianos, irlandeses, escoceses, espanhóis, bálticos, além dos sírios e libaneses fugidos do Império Otomano.

A questão agrária – relação do capital com trabalhadores no mundo rural por trás da relação abstrata entre capital e trabalho - é um subsolo do capitalismo que aparentemente se configurou com a superação da servidão e a expansão do capital no meio rural em busca de sobre exploração. Tornou-se um capítulo artificialmente montado, pelo qual os governos dos países ricos subsidiam a produção rural como manobra de estabilidade política e os países dependentes como o Brasil retiram apoio aos produtores rurais que se tornam presa fácil para os bancos. Mas são dois processos inacabados, porque a ligação da grande propriedade com os Estados emergentes propiciou uma mudança com atualização nas formas de servidão e o capital encontrou novas alternativas para a sobre exploração de trabalho não qualificado por meio de mecanização e digitalização.

A exploração se tornou um processo mais complexo com a expulsão de trabalhadores das terras, passou para fora das fazendas, conduzida pela monopolização dos meios de comercialização e voltou como mecanismo de precarização da ocupação. Sem apoio algum de governo, passou a alimentar a favelização urbana ou a população seminômade dos *trailers* estadunidenses.

Nas economias dependentes exportadoras como a brasileira, a modernização rural se bifurca entre a expansão de um setor monocultor exportador plenamente informatizado, mas dependente de terra barata e força de trabalho subocupada; e um setor plural, constituído de pequena e média produção, constrangido por condições locais de mercado, bloqueado pela estagnação recorrente das economias dependentes e pelo empobrecimento das classes medias. Os processos inflacionários conspiram contra a demanda das classes populares e contra a renda dos pequenos produtores.

Trata-se agora da questão agrária submersa no processo social da produção rural na expansão do capital monopolista. Sob um aumento da grande propriedade absenteísta informatizada, que praticamente extingue o trabalho contratado, desaparece a relação capital/trabalho que é substituída por trabalho precarizado, com maioria de trabalho de pequenos produtores. É um componente da recomposição das relações de classe, de que o Brasil é um dos exemplos mais drásticos dos retrocessos sociais que acontecem em um quadro geral de desmonte da pequena produção. É um quadro geral de tendência negativa, que tem diferentes variantes dos Estados Unidos ao Brasil.

No mundo do imperialismo industrial a produção rural passou por diversas situações de dependência, em que a subordinação aos objetivos da industrialização cedeu lugar aos da dependência da aliança entre o capital mercantil e o financeiro. A produção agrícola para consumo passou a ser regulada pelos supermercados e algumas empresas cerealistas. Sob o capital monopolista as estruturas produtivas tornaram-se mercadorias em desvalorização, com a derivação em determinação externa da produção agrícola. Assim, como a questão agrária se subordina à agrícola, no capitalismo de hoje deriva das grandes tendências da participação da produção rural no sistema do capital monopolista, em que ressaltam a concentração da propriedade fundiária e a monocultura na produção de insumos, com algumas contra tendências de expressão mundial como a produção de batatas na China e no Brasil, mas governada pela produção de soja.

A gestão das terras tornou-se conduzida por processos de mercado acionados por uma grande comercialização que substituiu a gestão dos complexos agropecuários e desenvolveu novos modos de subordinação mercantil. O verdadeiro miolo da questão é o atrelamento do mercado nacional ao sistema dependente de produção. Os agronegócios estão controlados por demanda externa, na prática subordinados à demanda chinesa. Com o emprego marginalizado e a pequena produção constrangida

a mercados locais, o bloqueio da agricultura dependente indica um ambiente desfavorável para os trabalhadores e implica na condenação dos minifúndios.

Em movimentos mundializados sobre a equação entre industrialização e mercadologia, a produção rural volta a focalizar na produção agrícola, pelo que está subordinada a uma dinâmica de grande capital, que é parte essencial da luta pelo poder, na qual interagem interesses públicos e privados na configuração das grandes estratégias dos Estados Unidos, da China e da Rússia. Essas três principais potências são grandes produtores, duas delas grandes exportadores e uma produtora e compradora.

A variante desse modelo é o extrativismo que se realiza no Brasil de modo desenfreado desde o início da colônia e que se tornou o grande negócio do desmatamento, ou a chave da ligação da extração de madeira com a abertura de terras para exploração extensiva<sup>3</sup>. No conjunto, é o componente rural da contrarrevolução do capitalismo dependente, conduzida por uma cadeia de interesses em cujo topo estão bancos e agentes financeiros, em forma de pirâmide, semelhante à que opera o sistema de estupefacientes sempre alimentado por uma infraestrutura de pesquisa.

Os grandes produtores e compradores condicionam o mercado mundial, em que as esferas de produção de mercadorias insumos constituem o mercado básico e os alimentos ficam com as diversas condições de pequena e média produção<sup>4</sup>. São diferentes redes de comercialização, algumas controladas por capitais em bolsa e outras por redes de supermercados. Em seu conjunto é um processo de mercado completamente controlado pelo capital monopolista em rede organizada a partir dos supermercados e das redes de transporte.

A organização mundial do capital monopolista operou em suas primeiras etapas em árvores de especialização, tal como nas árvores do milho e da cevada, mas é um modo de organização que foi suplantado pela organização rizomática como do gengibre, que brota de qualquer posição e desenvolve redes não sequenciais.

É uma inversão da lógica orgânica do sistema que substituiu a lógica industrial, que voltou a ser comandado pela aliança do capital mercantil com o capital financeiro, alentada pela desintermediação das operações de capital. Em sua nova fase imperialista o capitalismo mercantiliza as empresas, investe no controle de matérias primas<sup>5</sup> e desativa setores aparentemente sólidos, tal como aconteceu com a produção de cervejas locais e de vinhos artesanais.

A produção rural, portanto, deixou de ser a base de um emprego previsível e há uma crise montante na produção europeia que indica esse movimento geral, e constitui um novo elemento da reorganização de classes sociais. As novas migrações cidade-campo pressionadas pelo desemprego industrial, criam novas redes de produção local na Europa ocidental que tendem a ser copiadas na América Latina.

---

<sup>3</sup> Destruída a Mata Atlântica que teve a maior diversidade biológica, o sistema destrutor desmata a Amazônia como um negócio de consequências sociais irreversíveis, claramente criminoso, que destrói o futuro do país. É a extensão da destruição causada pelos europeus e norte-americanos e o contrário do que hoje faz a China. A Dinamarca exporta móveis com chapa de jacarandá brasileiro obtido de contrabando. Segundo estudos da UFBA um hectare de mata atlântica tem mais biodiversidade que cem hectares de bosques de eucalipto.

<sup>4</sup> Informações divulgadas pela grande mídia dão conta que os três maiores produtores agrícolas no Brasil – Amaggi, 250.000 ha.; SLCAgrícola, 468.000 há; e Bom Futuro, 583.000 há. - são produtores de soja, algodão e nenhum deles produz alimentos. A rejeição à produção de alimentos exprime a desvalorização do mercado nacional na produção dependente do mercado externo.

<sup>5</sup> A Coca Cola e a Nestlé compraram quase todas as marcas de água mineral do mundo ocidental e algumas empresas passaram a controlar a maior parte das marcas de bebidas destiladas. Por último, a Austrália pretende inundar o mercado mundial com um destilado de agave para concorrer com o tequila mexicano.

Assim, a questão agrária, que envolve a participação humana direta na produção, está hoje no subsolo da política mundial como uma restrição sistêmica, em decorrência da relação entre a nova geografia mundial da produção de cereais e o controle dos sistemas de comercialização. As grandes compras de cereais e leguminosas são parte das políticas de poder tanto como as vendas de armas. Assim, as atuais manifestações irracionais do governo brasileiro com a China resultaram em perda de mercado de soja enquanto a China aumentou em 300% suas compras de soja estadunidense.

### 3 – O PANORAMA AGRÍCOLA

A automatização da produção agrícola é apenas a cara aparente de um processo de reestruturação da produção rural cujo centro é biotecnologia - controle de sementes e defensivos - onde as manobras defensivas como de artesanato ou de turismo rural apenas disfarçam a queda inexorável da rentabilidade da pequena produção rural, desde as avançadas da França às mais atrasadas da América do Sul. Países como a Polônia, a Romênia e a Hungria retrocedem no novo modelo de desigualdade europeia que já atinge a Alemanha. A regionalização do problema é um dado que questiona a representatividade dos Estados nacionais.

O conseqüente movimento geral de destituição do trabalho alimenta novas diferenças na Europa em geral atingindo os países ricos da Europa ocidental e com conseqüências mais profundas na reprodução do atraso na América Latina. Novos movimentos políticos contestatórios em países frágeis como El Salvador, Honduras e Panamá correspondem a movimentos em países profundamente desiguais como o Peru, onde têm uma raiz na imobilidade desastrosa das práticas coloniais da agricultura tradicional<sup>6</sup>.

Como os desenvolvimentos na automatização da produção agrícola implicam em desemprego, a produção rural é parte essencial da luta mundial pelo poder. Os aumentos de produção se fazem com eliminação de trabalho atual e com migrações que se tornam significativas, como as de sul-africanos brancos para se tornarem agricultores na Rússia<sup>7</sup>. Terras agricultáveis constituem acervos em mercado de capitais e são parte das manobras de capitalistas individuais<sup>8</sup>.

Complementarmente, há um mapa de ampliação, intensificação e destruição de terras agricultáveis, concomitante com aumentos positivos decisivos da Rússia e da China, recuperação de desertos na África<sup>9</sup> e perdas nas Américas. Esse mapa corresponde a expansões exponenciais de interesses de grande capital. O mapa agrícola do mundo dos conflitos entre os grandes poderes reflete uma escala de

---

<sup>6</sup> O recrudescimento de movimentos de direita radical que capta segmentos preconceituosos de classe média, e que se oculta em personalidades fascistas, manifesta o abandono ideológico das classes trabalhadoras manipuladas por populismos.

<sup>7</sup> A maior parte das novas migrações é determinada por fatores expulsivos entre violência e penúria que as tornam incontroláveis. Novos sinais de governos socialmente orientados na América Central podem ter um efeito de reversão dessa tendência como também na Bolívia.

<sup>8</sup> O movimento de capitais formados no meio urbano e de grandes capitais é complexo e em expansão. Bill Gates tornou-se o maior proprietário de terras dos EUA. Muitos dirigentes de empresas brasileiros têm fazendas como meio de lavar dinheiro e escapar de tributação, operando com imobilismo tecnológico.

<sup>9</sup> Destaca-se o projeto dos países da Sahel de implantar um bilhão de árvores em barreira verde sobre o Sahara onde se começa a explorar aquíferos profundos.

eficiência que é inseparável de estratégias militares, onde o apoio à agricultura é uma questão estratégica como nos Estados Unidos<sup>10</sup>.

No contrapé da crise geral do capitalismo, indicada pela estagnação das economias europeias e pela perda de competitividade da economia estadunidense, formou-se um sistema de compras internacionais baseado em produtos primários e bélicos sob a influência predominante da China. É por onde se expande o imperialismo chinês. Sob o marco geral da ligação dos capitais monopolistas com as políticas imperialistas, a economia bélica que é um clube seletivo em expansão, constitui uma esfera de poder restrita a poucos países. Mas ela se apoia sobre um grande circuito de compras da produção rural, onde há pelo menos três diferentes patamares, dados por cereais, proteínas de baixo preço e alimentos nobres. A separação entre classes sociais se estabilizou em termos de alimentação, entre todos com deficiência alimentar e todos que podem escolher seus alimentos (PEDRÃO, 2011; 2020).

#### **4 – O CERNE DA QUESTÃO AGRÁRIA GERAL**

O sistema do capital monopolista em geral desmonta as especificidades da questão rural, reduzindo-a a um problema técnico em emprego, passando por alto as peculiaridades da produção rural de qualidade<sup>11</sup>. A nova subordinação da produção rural é um projeto de poder de grandes capitais em que o fator humano, já reduzido a capital humano é completamente descartado. Destarte, há uma questão agrária no mundo ocidental em geral, em que os grandes capitais voltam a propriedade rural como meio de valorização subsidiário dos setores de alta tecnologia e em projetos plenamente internacionais. No Brasil é a produção de álcool com bagaço de cana.

A tendência geral do capital rumo a atividades de alta tecnologia e produção imaterial criou uma polaridade entre setores que absorvem mudanças técnicas e sociais e setores que dependem de exploração profunda. A Rússia e os Estados Unidos são os maiores produtores de cereais e a China, que também se torna grande produtora, é o maior comprador. A Europa passa a uma posição secundária, a Ásia emerge como principal mercado futuro. A América Latina em geral, o Brasil em especial, passa por um processo de “africanização” que resulta de reprimarização do sistema produtivo com corrupção orgânica e credences pré-industriais<sup>12</sup>.

Os desenvolvimentos da questão agrária se realizam sobre uma dinâmica sistêmica datada e localizada. A vida agrária forneceu os alicerces da civilização sobre os quais se formaram as sociedades pós coloniais. A base industrial se organizou em contraponto com a visão agrária, pelo que um aspecto a considerar é o papel da modernização rural na modulação da modernidade desigual como foco de uma visão social e não só como berço de um conservadorismo transplantado. Na verdade, a condução industrial da modernização agrícola é que definiu um conservadorismo de grande capital agrícola, como dos novos grandes agronegócios que surgem da expansão de capitais financeiros e não de uma mutação da produção rural. Nesse sentido, um olhar sobre o contexto cultural do processo agrário expõe contradições

---

<sup>10</sup> A produção rural para bebidas alcoólicas tornou-se um mercado mundialmente disputado, acelerado pela influência da pandemia, onde grande número de países entrou na produção de vinhos, com mais publicidade que qualidade, disputando um mercado de classe média.

<sup>11</sup> É sempre válido o depoimento de Paolo Labini, quando se declarou herdeiro de uma tradição de pequenos produtores que produzem Barolo, um dos melhores vinhos da Itália.

<sup>12</sup> A corrupção no Brasil revelou-se um componente essencial da reprodução do sistema de poder, impregnada no sistema político e no empresarial com a convivência da mídia e das religiões, que juntam conservadorismo com exploração, e ainda, em associações complexas como no mundo do crime. Lembrar que contrabando de madeira é crime mais grave que produção de maconha.



desconsideradas, lembrando que os processos agrários tratam dos modos de vida das populações rurais ampliando as reformas agrárias negativas, desde a do Porfiriato no México no século XIX às dos latifúndios cafeeiros no Brasil e na Colômbia. Essas reformas se fizeram por meio de expulsão de pequenos produtores, tal como aconteceu na Inglaterra da Restauração e na Rússia czarista e foi repetida pelos sistemas coloniais na Ásia e na África.

A cultura agrária se manteve quando os pequenos produtores alcançaram qualidade, como no Piemonte na Itália, na Navarra na Espanha e em New England nos Estados Unidos. A desvalorização do mundo agrário foi parte do projeto siderometalúrgico representado por Krupp, Carnegie, Mellon, e pelos grupos pró nazistas da Hoescht, da Farben, da Beyer, da Mitsubishi e da Michelin. Assim, hoje, sob a crise do capitalismo industrial dependente de demanda do terciário, é inevitável rever a dinâmica agrária.

## **5 – A QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA**

A questão agrária no Brasil nunca foi um problema apenas rural, mas foi uma determinação do modelo colonial escravista, que sempre dependeu de disponibilidade crescente de força de trabalho explorada e terra barata e enfrentou custos elevados e crescentes dos escravos. Atualizou-se por exploração do desemprego no modelo pós-colonial escravista e em suas atualizações no modo primário exportador. Subjaz que o Brasil é uma questão agrária desde o início quando criou uma produção agrícola dependendo de força de trabalho dominada. O modo de produção colonial foi impregnado de um componente extrativista insidioso, responsável da criação de riqueza na colônia e na metrópole, que se reproduziu e ampliou, alargando e aprofundando a fronteira agrícola nas grandes bacias, no Paraná, em Minas Gerais, no Maranhão.

Desde a abolição formal da escravidão, a questão agrária transcende o mundo rural, porque é parte essencial do modo de dependência definido pela atualização do modelo pós-colonial escravista. Nele, assume a forma familiar protodinástica que alimenta a reprodução do sistema de poder. A defasagem orgânica entre a reprodução do fundamento rural e o populismo urbano, que abriu espaço para formas contraventoras e religiões espúrias, tem o efeito inverso de realimentar uma modernização socialmente negativa do mundo rural, plenamente voltado para mercadorias insumo que o tornam uma colônia vocacional. No ambiente geral de bloqueio do desenvolvimento do Brasil, a modernização rural descobre a separação entre a reprodução social e a do capital.

O problema agrário criado pelo sistema escravista foi denunciado no Império e sufocado pelos interesses construtores do sistema pós-colonial escravista que foi o modelo subordinado da primeira revolução industrial. Nele, surgiu a primeira diferença entre os subsistemas dependentes que alcançaram posições associadas, como o Canadá e a Austrália e os que se consolidaram como dominados, como o Brasil e a Argentina. A modernização autoritária que combinou uma urbanização desigual e uma indústria tecnologicamente inerte, deixou a questão rural exposta a retrocessos de uma reforma agrária negativa.

Desde a década de 1950 a análise contestatória – Rangel, Passos Guimarães, Nunes Leal, e outros – acusam que o principal movimento rural no Brasil é uma reforma agrária negativa, representada pela concentração do capital, pela expansão das grandes propriedades mecanizadas dos grandes capitais, produtora de mercadorias exportáveis, aprofundando a crise nacional de alimentação (RANGEL,

1961). De fato, a questão agrária se configurou com o modelo pós-colonial escravista que deu títulos nobiliárquicos a fazendeiros semianalfabetos e fundou o bloco dominante brasileiro que se recicla desde então.

O movimento básico de construção de uma produção social encontra-se na produção social de uma produção primária constituída de uma produção extrativa<sup>13</sup>, de uma produção agropastoril e de uma pequena produção marginal que se mantém abastecendo mercados locais. A sociedade que se formou sob o capitalismo dependente se instalou como uma mistura de extrativismo e produção agropastoril, onde os grandes proprietários têm vacas e os pequenos plantam mandioca, milho e feijão com diferenças fatais de rendimentos<sup>14</sup>. Junto com o desmatamento se expande uma pequena produção semi-nômade em regiões de fronteira, principalmente na pré-Amazônia e o sudeste mexicano. É o componente residual de uma expansão subordinada que ainda persiste em diversos ambientes da América Latina como no componente de selva dos países andinos.

O mundo rural tem funcionado como sustentador do mundo urbano ou da sociedade rural. O mundo rural objeto de substituições técnicas que hoje expulsam em pouco tempo contingentes demográficos maiores que os transferidas nas sociedades centrais. É o reverso do colonialismo levando ondas de migrantes para os EUA e para a Europa.

As grandes transformações do mundo rural começaram nos países centrais, especialmente nos Estados Unidos, com consequências sociais e físicas decisivas nas Grandes Planícies Centrais<sup>15</sup> e se propagaram aos países periféricos por meio de proliferação de grandes propriedades mecanizadas e monocultoras, com virtual extinção do emprego e pressão sobre o ambiente.

Surge a polaridade entre produção rural e agricultura em que a produção rural é parte do produtor da agricultura subordinado do capital. Há uma substituição do latifúndio por grandes propriedades absenteístas em agronegócio<sup>16</sup>. O agronegócio é apresentado por suas vantagens imediatas, ignorando-se seus efeitos deletérios em médio e longo prazo já visíveis na Argentina com a degradação da região de La Pampa (PEDRÃO, 2011).

O contraste entre pluralidade produtiva e agronegócios descreve o ponto fraco desse sistema cuja dependência da lógica do valor atual leva a uma produção rural destrutiva, uma espécie de sistema produtivo suicida irrecuperável dada a sustentação do sistema de forças sociais baseadas em ignorância hiperativa. É uma característica orgânica do sistema brasileiro cuja elite tem horror congênito de cultura e opta por sistemas educativos contaminados pela perspectiva privada da educação<sup>17</sup>.

A concretização do modo de produção capitalista em uma multiplicidade de formas operativas de produção interligadas dá lugar a composições nacionais de complexidade variável, com variada capacidade de absorver tecnologia. A

---

<sup>13</sup> A extração de madeira que começou desde o início da colônia continuou até hoje, passando da destruição da mata atlântica à da Amazônia, onde prossegue o processo de desertificação. A leniência do Estado brasileiro com os desmatadores, é característica dos governos assentados na grande propriedade.

<sup>14</sup> Rendimentos físicos por hectare: em milho: 4.000 quilos na província de Buenos Aires, 1.500 quilos no México, 800 a 900 quilos no Brasil. Arroz, 10.000 quilos na China, 1.500 no Brasil.

<sup>15</sup> Os *Great Plains norte-americanos* são a bacia do Rio Missouri e o Alto Mississipi.

<sup>16</sup> Em uma sociedade infensa a tecnologia e com uma classe dirigente notoriamente ignorante, os agronegócios são o limite da absorção de tecnologia do capitalismo pre-industrial prevalecente.

<sup>17</sup> Recentes declarações de magnatas da educação privada no Brasil, que impõem uma universalização do ensino à distância, consagram a mediocrização do ensino em um pacto de sobrevivência de instituições assumidamente medíocres, que representam um componente essencial do sistema de exploração.

multiplicidade de formas de produção no mundo rural revela a composição de formas alternativas de eficiência que expõem a polaridade entre eficiência privada e social a partir da divisão básica entre produção irrigada de baixa incerteza e produção não irrigada de alta incerteza, onde a produção irrigada é, principalmente de mercadorias exportáveis<sup>18</sup>.

As políticas para produção rural em geral e de gestão da questão agrária dependem de planejamento, portanto de uma visão pública inconfundível com a das políticas para agronegócios. Revela-se o contraste entre eficiência do trabalho ou do capital em monoculturas e em produção especializada. Os custos sociais e ambientais da produção rural se revelam como os principais para qualquer proposta de desenvolvimento. Assim, é preciso reconhecer a relação entre custos econômicos em curto e longo prazo por esgotamento de recursos, e custos crescentes de reposição. Será, necessariamente, o ponto axial de uma análise comparativa de regiões especializadas em sistemas dependentes em estagnação inflacionária. Essa condição de bloqueio do desenvolvimento instalou-se como cenário do capitalismo dependente.

Assim, como há uma expansão do capital no campo há uma expansão da violência principalmente praticada por grupos de origem urbana associados a proprietários. No Brasil a violência decorre do modo da formação social, com suas raízes históricas escravistas e constituição de um Estado oligárquico. Desde seu início a violência é especialmente imperativa no mundo rural. Sempre houve uma violência homologada pela grande propriedade e pelo Estado patriarcal. Em sua etapa moderna a sociedade brasileira tem sido atingida por uma generalização e privatização da violência que mostram uma perda de legitimidade do Estado, acirrada inclusive por conivência do governo, que afeta aos mais expostos, especialmente às classes trabalhadoras. A profissionalização da violência passou a constituir uma ligação subterrânea entre a esfera urbana e a rural. No mundo rural a violência produziu um esvaziamento da moradia rural, mais grave nas regiões mais pobres, agravando a desigualdade social.

## CONCLUSÕES PRELIMINARES

No mundo do capitalismo monopolista o processo agrário é o negativo da mercantilização absenteísta da terra, portanto, dos agronegócios. A questão agrária é um problema da reprodução social do capitalismo porque está na base da oferta de força de trabalho na alimentação do sistema de desigualdade, tal como acontece no Brasil e nos principados árabes medievais<sup>19</sup>. Sob a combinação de pluralidades de formas de capital, o leque de formas específicas de produção funciona como um tecido de movimentação de subemprego, que projeta saldos na favelização em cidades de pequeno e médio porte.

A crítica do processo agrário é parte essencial da crítica do capitalismo monopolista e envolve uma visão avaliativa do modo contemporâneo do sistema social de produção. Desse modo é parte do movimento geral de crítica da civilização material - tal como exposta por Fernand Braudel - que é mais ampla que a crítica marxista do modo de produção capitalista porque se remete ao viés autoritário da civilização. . No essencial toda produção agrícola depende dos sistemas de comercialização e de

---

<sup>18</sup> Em 1980 o México já tinha 10 milhões de hectares irrigados comparados com uns 800.000 hectares do Brasil.

<sup>19</sup> Notícias divulgadas pela grande mídia sobre recrudescimento de escravidão nos principados árabes vai em linha com repetição de eventos do mesmo tipo em diversas regiões do Brasil, inclusive atribuídos a grandes empresários de setores modernos.

financiamento, isto é, depende de uma estratégia financeira nacional que é por onde se verifica a contradição entre objetivos nacionais e empresariais, públicos e privados. Foi uma ilusão supor que a agricultura seria sempre o patinho feio de um desenvolvimento puxado pela indústria, sem perceber que ambos ficaram subordinados à nova aliança do capital monopolista financeiro com os sistemas de comercialização, desaguando na constituição de sistemas políticos autoritários legitimados.

## REFERÊNCIAS

AMIN, S.; VERGOPOULOS, K. **A questão agrária e o capitalismo**. São Paulo: Paz & Terra, 1977.

ATTALI, J.; GUILLAUME, M. **La anti-économie**. Paris: PUF, 1985.

GILLY, A. **La revolución interrumpida**. México: ERA, 1967.

GONZÁLEZ CASANOVA, P. **Historia política de los campesinos latino-americanos**. 4 vols. México: Siglo XXI. UNAM, 1986.

GUIMARÃES, A. P. **Quatro séculos de latifúndio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MELLOR, J. **La economía agrícola**. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

PEDRÃO, F. C. A dinâmica do subdesenvolvimento e tensões hídricas. **Informe Gepec**, vol. 24, nº 01, p. 151-161, 2020. DOI: 10.48075/igepec.v24i1.23762.

PEDRÃO, F. C. **Lineamientos de política regional**. México: NNUU/Secretaría de Planeación, 1975.

PEDRÃO, F. C. **O extrativismo e a periferia da produção. História econômica e história das empresas**. São Paulo: Hucitec/ABPHE, 2001.

PEDRÃO, F. C. Sistemas regionais (in) sustentáveis. **Informe Gepec**, vol. 15, nº 02, p. 06-17, 2011. DOI: 10.48075/igepec.v15i2.5292.

PNUD/México. **Plan nacional de desarrollo regional y urbano de México. 3 vols**. México, 1976.

RANGEL, I. **A questão agrária brasileira**. Recife: CONDEPE, 1961.

REBOUÇAS, A. **Agricultura nacional – estudos econômicos**. Recife: Editora Massangana, 1988.

SORJ, B.; CARDOSO, F. H. (org.) **Economia e movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SWEEZY, P. **El capital monopolista**. México: FCE, 1986.

*Submetido em 8/10/2021.  
Aprovado em 20/12/2021.*